



Lembranças

Eu tenho escrito este livro procurando no fundo da
minha memória os diferentes momentos da minha vida,
reuni-os como um puzzle, aos quais dei depois o nome
de

“Lembranças”



franco.deigobbi@gmail.com

Dediquei este livro aos meus pais
que me deram a vida, uma educação e acima de tudo
me ensinaram os valores de vida

© 2013 – Franco Dei Gobbi – Reservados todos
os direitos, mesmo parcialmente sem autorização
do autor.

Agradeço à Fatima Vilar pela tradução em
português.

ITÁLIA 1942



A guerra na Itália ainda não tinha terminado, eu também ainda não tinha vindo ao mundo, mas Enrica Vitali, aquela que viria a ser minha mãe, conhece Bruno, aquele que finalmente seria meu pai.

Foi no longínquo ano de 1944, que nasceu Franco, eu. “Classe de ferro” foi definido o ano de 1944 por amigos que nasceram nesse mesmo ano...sabera-se lá porquê !

O meu pai era de Veneza, de origens nobres e a minha mãe era de gente simples de uma aldeia da província de Macerata, Tolentino por precisão, mas eu nasci em Portomaggiore na província de Ferrara. Dou graças à guerra.



Bem entendido, a minha mãe teve de ir viver para a sua aldeia de origem até ao fim da guerra, depois voltou ter com o meu pai para Veneza aonde vivi até à idade de 7 anos.

Por razões que não me lembro, tivemos de ir morar para Torentino, e eu continuei là na escola durante 2 anos. Foi um período do qual me lembro muito bem dos diferentes promenores, lembro-me do sítio aonde vivia, das burrices que faziam sofrer a minha avó Maria. A pobre era obrigada a amarrar-me à janela do rés-do-chão para evitar que eu fugisse com um amigo, íamos brincar para a descarga pública no meio lixo, apanhava-mos os tomates que lá cresciam e comíamos os.

Uma manhã, a minha mãe teve que me levar de emergência ao hospital...tinha bebido de uma garrafa que continha extrato puro de lexívia. Escapei só com um susto e uma semana de hospital. A casa na qual vivíamos era um antigo convento, lembro-me dos tetos abobadados e decorados com belos frescos. A minha avó tinha o comprado quando a igreja o tinha posto à venda.

Em Tolentino, sentia-me bem, além da escola a minha mãe tinha-me inscrito na Escola Cantorum, e eu gostava de participar nessas aulas, gostava do canto e cheguei a ser o primeiro cantor da escola, o meu primeiro concerto foi em 1953, tinha então 9 anos. Foi o ano do regresso a Veneza, e para mim a primeira surpresa foi a minha entrada para o colégio. Um tremendo choque, pois eu pensava que era um castigo, e eu com a certeza que não era culpado do quer que fosse. A verdadeira razão era outra. De facto, a minha mãe era enfermeira e trabalhava frequentemente à noite, o meu pai trabalhava de dia, não tinha muito tempo para cuidar de mim, por isso a solução foi o pensionato colégio Don Bosco em Alberoni, Lido de Veneza.

O primeiro horror ao qual foi submetido foi o corte de cabelo à máquina zero, eu que era tão orgulhoso do meu cabelo, orgulho porque todas as amigas da minha mãe me pediam caracões dele. Depois do que para mim foi uma grande humilhação, chorei todas as lágrimas do meu corpo durante um mês, mesmo que tivesse querido chorar mais elas já não vinham.

Queria vingança, revolta, queria fugir. Todos diziam que não seria capaz, não teria essa ousadia, de facto, um dia ...Não se sabia do Franco. Eu tinha fugido. Durante 3 dias escondi-me nos arredores do meio rural aonde vivia, pelas praias, não me encontraram. Por fim, eles procuraram-me longe demais, e eu não estava nada longe, por vezes até os vi passar. Alimentava-me de frutas, de raízes que cresciam na areia, de amoras selvagens, as amoreiras também me serviram de refúgio, mas por fim tive que ceder e dirigi-me à entrada do colégio... Cedi por sede, mas talvez fosse melhor assim. Voltei ao colégio com um sentimento de orgulho, por ter ousado fugir, e não ter sido encontrado por ninguém, nem mesmo pelos polícias, os amigos perguntaram-me como é que tinha conseguido o tal, de quê é que me tinha alimentado, e aonde tinha estado. Respondia orgulhosamente que se eu tinha voltado era para mostrar aos grandes (aos adultos) que se eu tivesse querido eles não me tinham encontrado. Quando a minha mãe me veio visitar tive direito a uma reprimenda e a um par de bofetadas bem merecidas.

Foi assim que passei 2 anos no colégio Don Bosco. Analisando, acho que este período me foi muito útil, aprendi a disciplina, a obediência, o saber viver, saber brincar e sobretudo aprendi a estudar. Foi assim que acabei a escola primária, deixando algumas marcas da minha passagem. Durante o tempo dos exames, cada manhã, íamos em fila, dois a dois, para a escola que se encontrava no exterior do colégio, isto só para os últimos exames. A caminho com os meus camaradas de

classe interrogávamos-nos sobre as explicações do professor acerca das sementes das papoilas com as quais de fabricariam calmantes e estupefacientes, sem hesitação... quisemos verificar se o que tinha sido dito era verdade, e começamos a comer as sementes das papoilas colhidas à beira da estrada até à escola. Quando a professora nos interrogou, nos dormíamos com a cabeça sobre o banco, o que lhe pôs medo. Quando ela veio a saber o sucedido, ela chamou a ambulância de imediato e nós fomos conduzidos ao hospital para fazer análises, as quais revelaram a origem do nosso sono. Nós estávamos tão relaxados que dormimos durante 2 dias. Acordamos no colégio e alguns dias mais tarde, veio a minha mãe visitar-me com um belo artigo de jornal com o título “Dois pequenos sábios”. O artigo veio acompanhado de algumas bofetadas e o título de “inprudente e perigoso”.

Depois do colégio fiz a minha primeira comunhão, ainda me lembro do fato que vesti e no qual me sentia mal, mas orgulhoso ao mesmo tempo, depois fomos para a Praça São Marco para tirar as fotografias da minha primeira comunhão. A festa foi na casa dos meus avós paternos, a avó Maria e o avó Gino em San Giobbe. Nós íamos quase todos os domingos à casa deles, era lá que nos reuníamos todos, o tio Luigi, as tias Yolanda e Licia, o meu tio Ettore e a sua mulher, tia Clara, sem esquecer o tio Ferruccio e a tia Marisa, o meu primo Alfredo, e também a tia Elena e o tio Primo com a minha prima Berenice. Lembro-me muito bem da minha avó Maria, sempre atrefada na cozinha atrás da cozinheira a lanha a cozinhar para todos. Ela tinha 8 filhos e ela queria que eles estivessem todos em casa dela ao domingo. A mim, ela dizia de não comer o queijo parmesano: “Ele faz-te cair os dentes” dizia ela. Eu queria ajuda-la sempre a raspar o parmesano, assim tinha um desculpa para também dele comer.

Eu tinha muita admiração pelo avó Gino e o seu ar austero, o olhar rude, mas tinha também muitas qualidades, ele era sapateiro. Quando eu passava na sua loja aonde trabalhava, e roubava-lhe os bicos, pregos pequenos, que ele utilizava para os sapatos. Era um grande conhecedor em geografia e fazia-me muitas vezes perguntas para ver se eu tinha estudado e bem compreendido o tema. Ele tinha muitas parecenças com o general De Gaulle.

1956 – AS ESCOLAS SUPERIORES



No início do ano letivo, os meus pais tinham-me inscrito na escola Giorgio Cini, aonde estavam também os Salesiani di Don Bosco, escola centro de arte e de artesanato reconhecida e muito popular porque de là se saía com um diploma de fim de estudos reconhecido por muitos empregadores, diploma baseado na qualidade dos estudos e no profissionalismo com o qual os alunos saíam em fim de ciclo.

Eram 5 os ofícios ensinados, tipografia, mecânica, electromecânica, a costura e a marcenaria.

Mas ela não era simplesmente uma escola profissional, ela era diferente das outras, pois ensinava um maior número de ofícios, além de estudar, de aprender um ofício e de se obter um diploma final, ela dava acesso a continuar a estudar na universidade.

Passei nessa escola 7 anos e acabei com um diploma de “perito eletromecânico” (engenheiro industrial em eletromecânica), mas nos últimos anos de escolaridade, e sobre o conselho do meu pai, inscrevi-me em aulas nocturnas de impressor, fiquei então com dois diplomas em fim de ciclo.

Nunca cheguei a trabalhar como impressor. “É uma arte”, dizia o meu pai, mas eu não gostava dela, esse trabalho era estático, eu queria fazer um trabalho no qual fosse preciso procurar, inovar, inventar, deixar livre a minha imaginação e a fantasia. Mesmo sendo verdade que o impressor pode dispor livremente a paginação, depois de lançar a máquina, só lhe resta vigiar e tudo acaba aí. Por isso a escolha estava feita.

Durante todos os anos de escola e desde o princípio, fomos sempre encorajados a praticar desporto, pois nesta escola não era como nas outras instituições, nós os externos, entrávamos às 8 horas da manhã e saíamos às 20 horas, o programa quotidiano de 4 horas de aulas de manhã com uma ½ hora para almoço e algum lazer, e das 14 horas até às 16, depois mais uma hora de repouso e das 17 às 20 horas a teoria e a prática do ofício. O dia de sábado era mais curto, nós saíamos às 14 horas.



Eu inscrivi-me na equipe de patinagem com rodas, gostava muito e também fiz parte da equipe da escola com a qual tínhamos jogado no campeonato regional. Após três anos nesse desporto, nós ganhamos o campeonato regional Del Veneto, fiquei muito feliz e muito orgulhoso de poder mostrar a medalha de ouro e a copa que ganhamos.

Mas os anos passavam e a idade trazia outras necessidades, os passa-tempos já não eram os mesmos, aos domingos, comecei a sair com os amigos do bairro e mesmo com a liberdade que o meu pai me dava eu comecei a ter outras exigencias, como quem diria, comecei a sentir o apelo de uma certa independência.

Um dia, com os outros amigos do bairro, decidimos pregar uma partida ao presidente da câmara municipal de Veneza no dia das mentiras.

Depois de algumas reuniões e acordos sobre a maneira de proceder, nos puzemos o decidido em prática : construámos um muro en frente à porta do seu domicílio durante a noite, préviamente tínhamos avisado a imprensa Le Gazzetino di Venezia.

Eramos 9, compramos os briques e outros materiais necessários. Em menos de meia hora a porta estava fechada, depois ligamos para o jornal a contar o sucedido, bem escondidos à espera da reação deles. Esta n não tardou, pouco depois chegaram os fotografos que tomaram posição à espera do momento em que o presidente da junta da câmara municipal tenta-se sair de sua casa. Claro que as fotografias dele não faltaram nos jornais tanto como as dos bombeiros a tentar desfazer o muro.

Desta história poucos conhecem os culpados, somente os protagonistas e ai deles se se gabassem.



1961 – A REVOLTA

Durante este período, eu revoltei-me contra o sistema educativo que era muito duro, eu aspirava sobretudo a mais liberdade. Esse meu desejo era tão grande que ao sábado, e porque a ocasião se deu, eu decidi fugar da escola ao meio dia, em vez de sair às 16 horas como os outros sábados, e isso graças a um professor que me pedira para levar uma carta muito importante ao correio, e por isso deram-me a autorização de sair à 12 horas. Não hesitei muito em tirar proveito da ocasião e desde esse dia e durante as 5 semanas seguintes, eu saía ao meio dia, até ao dia que me encontrei face a face com o director da escola que me perguntou aonde é que eu ía.

Claro que eu le mostrei um envelope (vazio) com um endereço escrito, o expediente, o nome do professor, e expliquei que tinha que ir aos correios... ele concordou. Mas as coisas mudaram quando na segunda-feira seguinte depois do apelo, eu fui chamado ao gabinete da direção aonde me encontrei frente a frente com o tal professor e então começaram os problemas, 3 dias de suspensão às aulas e uma carta para entregar e ser assinada aos meus pais, antes de voltar para a escola. É óbvio que regressei a casa explicando à minha mãe que não pude ir às aulas por causa da nevoeiro. Fui para o meu quarto e assinei eu a carta em vez do meu pai.

No dia seguinte, a mesma música, nevoeiro = não há escola, no terceiro dia, encontrei a desculpa da bruma, e regressei. A primeira coisa que a minha mãe disse foi “Aposto que há nevoeiro?”, respondi que sim e pensei que ela era extremamente gentil. Mas essa gentileza desapareceu rapidamente e senti um par de bofetadas das quais ainda me lembro hoje em dia, isso mesmo, ora entretanto o correio tinha passado e tinha entregado uma cópia da carta que eu havia de ter

entregue para assinar à minha mãe. Era essa carta que minha mãe me pedia agora, o problema era que eu já a tinha assinado imitando a assinatura do meu pai.

Por fim, o meu pai não veio a saber de nada, foi a minha sorte, e tudo acabou assim.

Durante o verão íamos para o mar, aonde praticávamos pesca submarina. Não tínhamos equipamento como os profissionais, eu tinha comprado um pulmão de ocasião, equipamento que funcionava com oxigénio puro em circuito fechado, podia ser utilizado para descer a 15 metros, e com uma autonomia entre a descida e a subida de 1 hora e meia.

Depois era preciso ir encher a garrafa de 2 litros de oxigénio ao hospital e mudar a cale de sódio que servia de filtro.

Mas como não havia dinheiro para tudo isto, tínhamos que pescar e vender peixe aos restaurantes da zona pela metade do preço do mercado. Como a quantidade pescada não era muita, tivemos que encontrar outro sistema, o qual foi encontrado pelo nosso “Von Braun”, que fabricou bombas para peixe.



Com esse sistema conseguimos pescar muito mais. Um dia, quase que o peixe eramos nós, para os marinheiros Guardia de finanza que patrolhavam perto. Conseguimos fugir-lhes mas pusemos fim aquela prática proibida de pesca.

Entre as nossas atividades e para nos divertirmos, tínhamos começado a fabricar foguetões, graças ao nosso amigo “Von Braun”, convencidos de fazer concorrência à Nasa. Nós pozemos a voar e a explodir alguns foguetões. Tínhamos mesmo fabricado uma ogiva destinada a conter um rato branco e a testar o funcionamento de um paraquedas que permitiria à capsula de entrar na atmosfera que nós lançamos da janela do sétimo andar, o gato da irmã do “Van Braun” amarrado ao paraquedas... Nunca mais vimos nem o gato nem o paraquedas.

1963 – A ESCOLA ACABOU

1963 – A escola acabou, a vida começa, havia 2 opções: continuar a estudar ou ir trabalhar, trabalho na época não faltava, pelo menos em Veneza. Tinha que fazer uma escolha. Mas a qual? Nesse tempo os pais é que mandavam em nós e não os podíamos contredizer, claro que eles falavam para o nosso bem, o meu pai dizia-me sempre: “Se tu quizeres ter a minha arte eu prefiro partir-te as pernas”, ele era electrogalvanizador, sempre nos ácidos, nas poeiras, e sem nenhuma proteção, ele sabia os riscos que corria e desejava-me uma situação melhor. Tomei então a decisão de me inscrever na faculdade de medecina, mas era sem contar com a opinião do meu pai que recusou a minha escolha dizendo: “ Eu concordo em pagar-te os estudos universitarios mas em direito e não em medecina”. Nunca vim a saber o porquê dessa recusa, então afim de continuar os estudos, increvi-me na faculdade de direito de Padova. ... 5 mês mais tarde, voltei para casa dizendo ao meu pai que o direito não me correspondia. E foi assim que eu fui trabalhar como empregado de mesa para a Praça São Marco, café Lavena durante a época de Verão. Ganhava muito dinheiro mas tinha outras ideias, eu só tinha aceite este trabalho para ganhar um pouco de dinheiro. Durante esse período, conheci uma jovem italiana que estava de férias em Veneza, que tinha imigrado par a Bélgica com sua mãe com 3 anos. Por acaso a tia dela morava no meu bairro. Conheci-a pelo meio de um amigo, Nico, que era seu primo, que me a apresentou. À tardinha fomos dar um passeio por Veneza, correu tudo muito tão bem que no fim da férias trocamos as nossas moradas, ela prometeu-me que me ia escrever, o que aconteceu. Continuamos durante um longo período após a sua partida a escrever-nos.

Entretanto, tive que me apresentar por causa do serviço militar à consulta médica, não fui aceite na marinha por causa do meu acidente de espeleologia na gruta.

Reformado, decepcionado porque queria tentar fazer carreira na marinha, decidi ir para a Bélgica.

Quando disse ao meu pai a decisão que tinha tomado, recebi uma recusa categórica e imediata.

Os seus motivos eram simples, ele disse: "Nesta casa não te falta nada, tu não precisas de imigrar, e muito menos para a Bélgica aonde existe uma obrigação de trabalhar na minas. Com que nem penses nisso, nunca te darei autorização para a obtenção do passaporte."

De facto eu era menor e por isso precisava da assinatura do meu pai. Então decidi esperar, para acalmar a situação e encontrar outra forma de agir.

A ocasião apresentou-se por via de um amigo de volta de férias da Alemanha, a quem eu pedi de arranjasse um contrato de trabalho de 1 mês. O meu amigo entendeu o pedido e dentro de pouco tempo enviou-me o contrato. Restava agora falar com o meu pai e explicar-lhe que já não iria para a Bélgica, mas sim para a Alemanha por uns meses, e que de qualquer maneira não poderia lá ficar mais tempo porque o meu passaporte só era válido durante 3 meses e que eu tinha a obrigação de fazer o serviço militar no exército.

Convenci-o e ele então foi se apresentar à prefeitura para dar o seu acordo, mas o que ele não sabia era que o passaporte era válido para 28 estados, incluindo a Bélgica, mas isso ele veio a saber mais tarde.

1964 – A PARTIDA

Decidi partir no dia 5 de Outubro de 1964, depois do meu aniversário, mas alguns dias antes dessa data, recebi a convocação para ir para a tropa, para a visita medical e para prestar 3 dias no quartel. Tinha que me apresentar no dia 9 de Outubro para sair no dia 11. Só me restou atrazar a partida até ao dia 11, apòs a minha saída da caserna. Saí da caserna ao meio dia, a bagagem já no depósito de bagagens, e na estação de caminho de ferro estava a minha mãe e a minha tia Licia à minha espera. Comigo estava o Mario, um amigo que tinha decidido começar a aventura sem contrato. Tínhamos deixado a Itália em direção a Garmisch Partenkirchen em Baviera na Alemanha e com destinação ao Sheridan Plaza Hotel, hotel situado numa base aérea americana. Quando lá chegamos perguntei imediatamente ao administrador, que falava italiano, se ele podia contratar o Mario, e depois pedi também se eu podia ir uma semana à Bélgica e voltar, ele aceitou. No dia seguinte parti para a Bélgica ao encontro da rapariga que conheci em Veneza, aonde fiquei uma semana e depois voltei ao meu trabalho na Alemanha durante um mês como ficou inicialmente previsto. Que surpresa, quando voltei o Mario já lá não estava, tinha-lhe emprestado dinheiro antes de partir para a Bélgica, porque ele não tinha nenhum, o necessário para ele viver uma semana sem mim. Vim a saber mais tarde que no dia da minha partida, à tardinha, ele se tinha comportado mal e que o diretor o tinha despedido. Desde então nunca mais o vi.

Anos mais tarde vim a saber que após várias aventuras ele tinha casado com uma canadiana e emigrara para o Canada. Trabalhei no hotel durante quinze dias como empregado de mesa, estava tudo a correr lindamente, mas depois o hotel fechou para fazer obras e eu fui trabalhar com um alemão que falava italiano, uma pessoa boa. Ele explicou-me que durante a guerra, que ele não desejou, tinha ido trabalhar para a Itália, tinha desertado e procurado refúgio junto de uma família italiana, e foi assim que tinha aprendido o idioma italiano. Juntos tínhamos de fazer trabalhos de manutenção. Um dia ele pediu-me para ir com ele para casa, queria apresentar-me à família, aceitei, e conheci então a sua esposa e a sua filha, uma bela rapariga que falava um pouco italiano aprendido com seu pai. Visitei-os várias vezes. Um dia à noite, disse-me que estava cansado demais para me ir levar ao hotel, e propôs-me que dormisse lá em casa, eu aceitei. Grande foi a minha surpresa, quando durante a noite fui acordado pela sua filha deitando-se ao meu lado. Tive medo que o pai dela notasse alguma coisa, mas isso não aconteceu, passou-se tudo bem. A moça estava apaixonada por mim, mas eu pensava naquela que tinha de ir encontrar na Bélgica. Por outro lado não queria deprimir Grethe, decidi então, aproveitar a situação até à minha partida. Mais tarde tive remorços, talvez porque ela fazia projetos, mas também porque no fim do mês de trabalho eu fui-me embora sem dizer nada a ninguém, desapareci completamente da vida dela. Ninguém sabe quanto tempo se terá questionado. Pensando nessa época e nessa aventura, acho às vezes que : *“Franco foste um verdadeiro estafermo”*.

A CHEGADA À BÉLGICA

16 de Novembro de 1964

UMA DATA A NÃO ESQUECER



A 16 de novembro de 1964 às 12h30, a minha chegada à Bélgica, eu vinha de Colónia e a primeira impressão que tive olhando pela janela do comboio foi uma impressão triste, como uma desolação, pois via as casas escuras, as fachadas estranhamente pretas... tinha chegado ao país das caras pretas, os mineiros eram chamados assim e as casas eram pretas por causa da poeira do carvão que ia no ar.

Em Bruxelas tinha que apanhar a correspondência par Flénu que era a minha destinação final. Quando cheguei a primeira coisa que notei foi a tabuleta conhecida “Barbier” (cabeleireiro), e aí senti-me tranquilizado, já lá haviam outros italianos, eles tinham chegado há muito tempo de muitas origens, do norte, do sul da Itália e pela primeira vez na minha vida cohabitava com a Itália inteira.

Eles eram todos mineiros, saídos da Itália entre 1946 e 1947, contratados em Milão e por um período de 5 anos nas minas. Lembrei-me imediatamente das palavras do meu pai.

Estes verdadeiros emigrantes viviam em pensões que lhes eram destinadas, quando chegavam do trabalho ainda tinham que cozinhar, limpar, lavar roupa e só depois é que iam dormir, não tinham tempo para se divertir e gastar dinheiro, porque tinham que mandar o máximo da paga para as suas famílias que tinham ficado na Itália.

Tinha apenas chegado, que muitos dentre eles começaram a fazer-me perguntas, eles queriam saber como se vivia na Itália, se a situação tinha mudado. Eram pessoas que não tinham voltado ao seu país e por isso não se davam conta da evolução que tinha havido.

Depois da minha chegada, conheci um missionário que ajudava muito essas pessoas, um dia ele perguntou-me se eu queria trabalhar voluntariamente para o jornal “La Mission” que era publicado por eles e no qual escreviam artigos sobre as atualidades. Aceitei, porque me deram toda a liberdade na escolha dos artigos. Comecei imediatamente a redação de um artigo que tratava da história da emigração, eu ia às casas dos italianos para os entrevistar e à medida que vinha a conhecer as suas histórias, ficava cada vez mais fascinado de forma a que deixei de ser moderado e passei a escrever de maneira mais completa os artigos seguintes.

As pessoas contavam-me as dificuldades do início, as dificuldades da sua integração.

Descobria as realidades da vida dos emigrantes italianos na Bélgica. A Bélgica tinha-lhes prometido casas, mas eles permaneciam em barracas de chapa, vestígios dos antigos campos de prisioneiros da última guerra mundial. Sem falar dos anos 50, já estávamos

em 1965 e eu presenciei esta situação até 1970. Consegui até publicar as cópias dos acordos assinados entre os ministros belgas e italianos, nos quais estava estipulado que por todos os italianos que fossem para a Bélgica trabalhar nas minas, a Itália receberia um saco de carvão por mês durante todo o tempo da estadia. Isso foi um artigo a mais. Muitos italianos eram já casais mixtos, muitos belgas compreendiam o idioma italiano e algum tempo após a publicação desse artigo fui convocado pela polícia da imigração e tratado de revolucionário por ela, além disso deram-me ordem de parar de imediato com os artigos sobe ameaça de ser expulsado imediatamente se eu não obtemperasse, cumprisse o ordenado.

Era óbvio que eles não gostavam que falasse das promessas que não eram cumpridas.

Nessa época, os italianos não eram bem aceites, eramos tratados como pessoas prejudiciais.

Uma vez quizemos, eu e uns amigos, entrar num dancing que pertencia a um jovem nascido de pais emigrados para a Bélgica antes da guerra, mas não podemos entrar porque sobre a porta estava escrito “Proibido para cães e italianos”. De facto se tivéssemos entrado, todos os belgas teriam desertado o local.

Alguns anos mais tarde, esse tipo cantava em francês que era “italiano dos pés à cabeça e orgulhoso de o ser” (je suis rital et je le reste...)

Não menciono o nome porque ele não vale a pena.

A época era outra, e felizmente que com o tempo as coisas evoluíram.

A primeira coisa que tive de fazer quando cheguei à Bélgica foi ir apresentar-me à polícia da emigração, para ser registado e para que me atribuíssem um cartão de residente temporário por 3 meses, mais tarde, e se tivesse encontrado trabalho, então me seria atribuído uma autorização de residencia por um ano, renovável depois.

Quando recebi a autorização de estadia, senti-me como um judeu durante a guerra, tinham-me entregado uma especie de bilhete de identidade com 3 páginas, branco com uma faixa vermelha que atravessava as 3 páginas com a minha impressão digital bem à vista.

Felizmente que os acordos da CECA (Comunidade Europeia do Carvão e do Aço) já tinham sido assinados, o que me evitou ir trabalhar para a mina, encontrei trabalho quase imediatamente na companhia Pirelli e foi graças a ela que consegui a autorização de trabalho.

Aí fiquei por volta de seis meses, depois encontrei emprego melhor numa vidraria como montador de cabos, mas esse trabalho não era feito para mim.

Entrei então numa companhia de eletricidade, e com ela tive a oportunidade de pôr em prática o aprendido durante os meus estudos, trabalhei em vários projetos, do montador de cabos de armários a montador de cabos de uma central nuclear, até subi aos pilares de alta tensão.

Depois trabalhei na Fiat como mecânico durante ano e meio, mas não gostava, eu não queria ficar um simples operário, queria andar para a frente, era ambicioso de mais, mas os meus estudos permitiam.

Foi só em 1969 que encontrei enfim o trabalho feito para mim, havia sempre algo de diferente, cada ação era uma coisa nova, cada defeito era uma novidade. Para iniciar esse trabalho tive que seguir uma formação teórica acompanhada de estágios práticos necessários para ele.

1969 – O PRINCÍPIO DE UMA CARREIRA



O meu patrão mandou-me depois 15 dias para a Itália, para aprender as técnicas do frio industrial, as maneiras de diagnosticar as anomalias e de tirar medidas, fui ainda mandado para Milão para aprender a técnica das máquinas de café, noutra empresa para aprender a técnica, a conceção e os estudos de projetos para a ventilação das cozinhas dos restaurantes, tudo isso fascinava-me, ...tinha encontrado a minha profissão.

Entretanto morava com a rapariga que tinha conhecido em Veneza, deixamo-nos mais ou menos 2 anos e meio mais tarde. Era evidente que essa rapariga não era feita para mim, mas 6 meses mais tarde casava-me com ela, deixei-me convencer.

Foi em 1967. Casei-me talvez porque estava sozinho, a minha mãe tinha falecido há 6 meses, o meu pai deixou de me falar depois da minha partida para a Bélgica, ele não gostou da embrulhada que eu lhe tinha feito para obter o passaporte. Foi só 3 anos após o falecimento da minha mãe que eu me decidi a ir vê-lo para falar com ele e ter uma conversa para explicar o sucedido, a situação não podia continuar assim.

Expliquei-lhe que se eu tinha agido dessa maneira foi porque eu queria um futuro melhor e não por capricho de aventureiro. A sua única resposta foi:” Deixamos o passado e pensamos no futuro, o importante é que tu estejas bem”. Acabou tudo bem, mas infelizmente ele seguiu a minha mãe 1 ano depois. E aí fiquei mesmo sozinho, e realizei que deveria ter reagido mais cedo para aproveitar a sua presença mais tempo.

03/03/1969 – Nascimento de Diana

28/02/1970 – Nascimento de Nancy

19/10/1971 – Nascimento de Fabrizio
e por fim no

30/09/1973 – Nascimento de Marco

Alguns meses depois deixava a minha mulher. Foi algo ao qual me tinha oposto por causa de minha educação, contrária ao divórcio, era demasiado ingénuo para aceitar essa solução ou fim, mas em definitiva fui obrigado a aceitar.

Alguns meses mais tarde, conheci uma sardenha, também divorciada e decidimos viver juntos, acabamos por casar em 1977.

Foram uns belos anos vividos com paixão. E o tempo ia passando.

1982 – O REGRESSO

Fui aceite novamente pela mesma empresa com as mesmas tarefas, mas eu queria mais. Como eles me queriam, negocieei um bom salário, ações da sociedade e um bonus no fim do ano. Trabalhei para eles até 1986, pôs a funcionar um serviço pós-venda e a direção do serviço técnico, em 1985 tive também que ir para o Camerúm afim de ensinar os agentes locais a montar e reparar as cozinhas industriais, aí passei um mês inesquecível. Como terminei uma semana antes do tempo previsto os trabalhos, tive ainda tempo de fazer um safari foto com o prefeito da *Bénoué* uma região linda, com inúmeros bichos selvagens que habitualmente só se vêem em jardins zoológicos, foi uma experiência inesquecível. O pessoal ao meu dispor era composto por voluntários, eu respeitava-os, ao contrário de outras empresas, que os tratavam como animais. Quando parti, todos me pediram a minha morada afim de me poderem escrever, o que fizeram durante anos, recebi várias cartas da equipa que tinha dirigido durante os trabalhos. Fiquei orgulhoso de ter deixado uma imagem positiva dos italianos.



Durante estes anos com a minha segunda esposa, a minha carreira profissional progrediu de simples técnico a chefe de oficina. Depois instalei-me por conta própria e passei a importar máquinas de café da Itália durante um período de cinco anos, mas a empresa era cada vez mais importante e eu tinha dificuldades a controlar-la, precisava de encontrar um parceiro ou um técnico comercial, mas eu não encontrava e assim não podia continuar, sem dias feriados, sem férias, sempre a trabalhar, foi que então decidi fechar a empresa. Não tive dificuldade em arranjar emprego do mesmo género, graças à minha experiência, fui recrutado para o cargo de encarregado dos técnicos e aí fiquei até 1982. Nesse ano decidimos, mediante uma oferta de emprego da Zanussi, regressar de modo permanente para a Itália. Foi então para a Sardenha que fomos viver, aonde trabalhei como técnico, gostava do trabalho que me dava muita satisfação. Gostava muito da Sardenha, cujo clima não tem nenhuma comparação possível com o da Bélgica, o tempo era sempre quente e cheio de sol. Mas as coisas mudaram porque a minha esposa mesmo sendo sardenha não conseguia habituar-se à mentalidade do sítio, tinha vivido demasiado tempo na Bélgica, e para ela voltar para a Sardenha era como viver antigamente o que nos fez voltar para a Bélgica 6 meses mais tarde.

1987 – A MUDANÇA

Durante essa época as coisas na sociedade não iam muito bem, os últimos anos e a crise ajudando nós não progredíamos, o serviço das vendas não fechava novos negócios, tal devia-se à direção que não tinha inovado, pessoas de outros tempos que não conseguiram progredir e acompanhar o progresso, decidi então mudar de ares. Em 1987 fui contratado por uma empresa de Antverpia, sociedade bem integrada no setor das grandes cozinhas que procurava um diretor comercial para a zona de expressão francesa da Bélgica e para o norte da França, com alguma experiência no setor. Entre os vinte participantes aos testes da empresa especializada em recrutamento, consegui imporme e aí fiquei até 1996. Nesse ano a direção geral decidiu uma mudança de politica comercial, que consistia em separar-se dos 2 diretores comerciais. Fiquei então desempregado.



Porem esses últimos nove anos foram felizes para mim, em razão dos bons resultados obtidos, o apego e o entusiasmo com o qual trabalhava, mas ao mesmo tempo difíceis também porque no mesmo ano que a empresa de Antverpia me contratou, os meus filhos, Marco e Fabrizio, decidiram vir viver com nosco, deixando a sua mãe o que me agradou bastante, mas foi pena que só o Marco tenha tido a coragem de o fazer, quanto ao Fabrizio não conheço as razões pelas qual ele modou de opinião. Depois dele, também a Diana decidio deixar a casa e ir viver sózinha e retomou contato comigo. Apòs a separação da minha primeira mulher tive muitas dificuldades par ver os meus filhos, ela sempre tudo fez para que eu não os vice, apesar de todas as minhas tentativas por via de advogados e tribunais..

Infelizmente, o problema era que a minha mulher de então não aceitava aquele que para ela era como um intruso, habituada a viver sózinha comigo, ela não aceitava a presença do meu filho Marco.

Eu tentei, em vão, de lhe fazer lembrar que ela sabia que eu tinha 4 filhos quando nós iniciámos a nossa relação e que eu tinha tentado tudo para obter a custódia deles, por isso a situação não era nova. Foi então que eu comecei a compreender que ela era muito egoísta.

E aí começaram os primeiros problemas de cohabitação.

O Marco ficou em nossa casa durante 2 anos, e um dia anunciou-me que queria de novo ir viver com a mãe, não por causa de mim mas sim por causa da minha mulher. Ele não a podia suportar.

O que aconteceu, foi que o nosso entendimento chegou ao fim, e a nossa coabitação era por mera obrigação e interesses comuns. As discussões não faltavam, porque já não havia diálogo, só já existiam confrontos...a situação não podia continuar por muito mais tempo.

1997 – O restaurante “ A PIAZZETTA DI VENEZIA “

Em 1997, como não encontrava trabalho por causa da minha idade, mesmo tendo procurado a despeito dos muitos pedidos feitos, decidi abrir um restaurante, e fiquei com um estabelecimento já existente em plena cidade de Bruxelas. Ao princípio, o negócio não ia lá muito bem, porque o tal negócio estava prestes a abrir falência quando eu o retomei, e eu pretendia levanta-lo. Depois de algumas mudanças, tal como o aspeto e a maneira de trabalhar, consegui criar um restaurante italiano aonde se pude-se saborear a verdadeira cozinha tradicional italiana, a cozinha das nossas avós.



A clientela ia aumentando em número, mas sobretudo em qualidade.

Deixaram numerosas assinaturas e comentários no livro de ouro as diferentes personagens que por alí passaram, políticos, diplomatas, mas também pessoas do mundo do espetáculo, que vieram apreciar a cozinha veneziana. A minha maior satisfação era de ter reservas com quinze dias de antecedência. Os clientes faziam todos os possíveis para que lhes fossem servidos alimentos de boa qualidade, e por isso reservavam com tempo.



Eu trabalhava na cozinha, a cozinha foi sempre para mim uma paixão, aí punha em prática a minha imaginação e a minha fantasia na elaboração dos pratos.

Mas todas as coisas boas têm um fim, mesmo as melhores, a minha mulher não aceitava os sacrifícios que nós devíamos fazer para pagar a retoma do restaurante.

Um dia ela disse-me: “Vou-me embora, deixo-te”.

Não fiquei surpreso. Talvez que para mim essa frase tenha sido um alívio, pois de momento não tive nenhuma reação, pelo contrário, e coloquei a pergunta seguinte: “Quando ?” Evidentemente que ela não gostou e reagiu muito mal.

Mais tarde e afim de a deixar sem nada, pôs o restaurante em situação de abrir falência, e vendi a casa acabando assim com 29 anos de vida em comum com uma pessoa que só pensava em dinheiro, no seu bem estar sem pensar no dos outros.

Eu fui talvez um pouco mau, mas ela não merecia melhor. No que me toca, eu sabia que mais cedo ou mais tarde iria encontrar trabalho, não sou pessoa de baixar os braços e de resignar facilmente.

Alguns meses mais tarde, retomava o trabalho como diretor técnico numa empresa de cozinhas industriais, foi o regresso ao meu ofício. Continuarei nele até fim de 2005, quando uma outra oportunidade apareceu no Luxemburgo, é aonde me encontro por momento, exerço na qualidade de diretor de projetos, o que me agrada bastante.

1999 – UMA VIDA NOVA

Depois da partida de minha mulher fiquei só, vivia sozinho e talvez que inconscientemente tivesse medo da solidão, pois não fiquei sozinho por muito tempo. Dois meses depois da partida dela, conheci a irmã da minha ajudante de cozinha. Não demorou muito tempo para que passássemos a viver juntos. Chama-se Elda. Sou muito feliz com a Elda, ela é muito mais nova que eu, razão pela qual eu ao princípio não me queria relacionar com ela, mas tenaz e teimosa com ela é conseguiu que eu mudasse a minha opinião. Nesse período, e já antes disso, eu fazia emissões de rádio, numa rádio livre de Bruxelas “Radio Alma”, também para lá levei a Elda, ela secundava-me durante as emissões destinadas aos italianos com o programa *Buona domenica* (Bom domingo), a sua presença trazia algo de juvenil a um programa já bastante popular, graças também aos ouvintes que nos ligavam em direto durante a emissão. Foi a transmissão que tinha tido a maior auditoria da rádio. Essa rádio era uma rádio que transmitia em 5 línguas para as diversas comunidades. A minha transmissão preferida consistia em organizar debates sobre diferentes matérias da atualidade com convidados no estúdio e em direto, dava-me prazer por achas na fogueira para animar as discussões, mas quando as coisas escalavam também as tinha que acalmar.



Houve outros programas que também me deram muita satisfação, entre eles estava um programa aonde era preciso aumentar o auditório das emissões culturais, habitualmente evitadas pela maior parte das pessoas, então combinávamos a cultura italiana com prémios e organizávamos emissões em direto desde o estúdio assim como emissões no exterior retransmitidas em direto. Foi um enorme sucesso, o programa chamava-se “Em passeio pela Itália” e tinha por fim dar a conhecer aos italianos e aos outros a Itália. Durante a várias finais, tive a ajuda do Vito, um grande amigo, ele mesmo animador de rádio, que com o seu ar severo servio de notário face ao público, ele decidia da validade das respostas dadas pelos participantes.

O interesse pelo programa devia-se aos prémios distribuídos aos vencedores que eram viagens sponsorizadas tais como fins de semana em Veneza, Florença, Roma ou uma semana num hotel 5 estrelas em Sardenha, etc. Noutros programas consegui entrevistar alguns artistas italianos, entre eles o Vasco Rossi, Laura Pausini, Angelo Branduardi, Jovanotti, Formula 2 e outros menos conhecidos. A rádio organizava também noitadas, cujos participantes eram os italianos de Bruxelas, eles vinham em força, eram sobretudo eles os nossos auditores assim como a suas famílias, amigos, etc. Noitadas nas quais tínhamos que recusar pessoas por falta de lugares. Eramos todos voluntários e tínhamos prazer nesse tipo de eventos, porque em Bruxelas eram poucas as atividades desse genero, nas quais os italianos se podessem reunir, trocar ideias, socializar, porque as vilas de grande dimensão conduzem ao isolamento.

Fiz parte dessa rádio durante 10 anos. Tive que deixar essa atividade quando fui viver para as Ardenas Belgas.

De facto tinha decidido junto com a minha nova companheira de ir viver para o sul da Bélgica, entre florestas de pinheiros, numa aldeia calma, longe do barulho e da poluição da grande cidade aonde vivíamos. A Elda tinha planificado à muito tempo ir viver para essa região, longe da cidade. Não me desagradou ir viver para essa região depois de ter vivido mais de 30 anos em Bruxelas.

2004 – DECISÃO RADICAL

Em 2004, uma decisão radical, eu quiz virar a página, cortar com todos e com o passado, guardei alguns contatos, pessoas raras que revejo com prazer, são tão poucas que as posso contar nos dedos de uma mão. Cortei relações com aquelas pessoas que se faziam de amigos, pois depois da minha queda (que eu quiz) tive que encarar a evidência, a maior parte das pessoas em quem eu tinha confiança e por as quais eu tinha consideração, eram simplesmente oportunistas, de facto todas me fecharam a porta. Achariam eles que eu iria lhes bater à porta à procura de ajuda ou de dinheiro? Não, eles enganaram-se bem, não precisei deles. Além da minha decepção tive a possibilidade de os conhecer realmente. Hoje, em 2006 eu trabalho ainda e sinto um verdadeiro prazer nisso, podia pedir a pensão, mas que faria eu em casa todos os dias? Sentir-me ia inútil , ainda me apetece trabalhar e em quanto for capaz, eu continuarei a trabalhar, ou pelo menos enquanto o trabalho me trazer satisfação, naturalmente também até que a saúde o permita.



Hoje, dia 3 de outubro de 2006, 62 anos, a minha principal satisfação vem do meu patrão, ao mesmo tempo que me dava os parabéns com uma garafa de champanhe na mão, pediu-me que trabalhase par a firma mais 15 anos ao menos... Ele é maluco e anunciou-me também que tinha encomendado um carro novo para que depois não precisasse de utilizar o meu. Não estava à espera disso.

Com a Elda o tempo passa mas eu não noto, ela trouxe-me o prazer de viver de volta, serenamente, ela despertou em mim o bom humor que eu tinha perdido, reencontrei-me graças a ela. Agora, de novo eu começo a receber regularmente o meus filhos, sobrinhos e netos.

Nós, eu, a Elda e a sua filha Cristina, damo-nos bem e quando estamos cansados de estar em casa pegamos no carro e vamos dar uma volta, volta que às vezes se transforma numa longa viagem, não é a primeira vez que decidimos à noite que no outro dia de manhã partiremos para a Itália.



Porquê complicar a vida, problemas já tivemos que chegassem, chega agora, vivamos o presente porque o futuro ninguém sabe de quê ele sera feito, e o que nos reserva.

Um amigo dizia com frequência: “O que estará atrás do canto?” É verdade, nós não sabemos o que nos espera, então, ...

2007 – OUTRA MUDANÇA

No Verão de 2007, a Cristina conheceu um rapaz e após pouco tempo decidiu ir viver com ele, Dany (seu nome) é um rapaz muito talentoso, grande trabalhador, inteligente e loucamente apaixonado pela Cristina. Passamos então a viver sozinhos, aproveitando esta solidão e tomando gosto à tranquilidade, sem nenhum entrave, quando queremos fazer férias não precisamos de considerar as férias escolares, ficamos em plena liberdade. 3 de outubro de 2007 – 63 anos. O meu patrão surpreendeu-me com champanhe na companhia dos meus colégas e de seus pais. 1 de janeiro de 2008 – O meu patrão propôs-me de ir viver para o Luxemburgo, para evitar a quantidade de kilometros que tenho de fazer para ir trabalhar (100 de manhã e 100 à noite e levantar-me às 5 da manhã), propôs de me alugar a casa do seu avô que está vazia. Uma bela casa na cidade do Luxemburgo, proposta a um aluguer decente, tendo em conta que as casas na cidade rondam entre 2500,- e 2800,-€. Depois de ter pedido conselho à Elda, nós fomos visitar e decidimos aceitar a proposta. Desde o 1º de maio de 2008, vivemos no Luxemburgo. E a vida continua, com a vantagem de dormir um pouco mais de manhã e à noite, posso ver um filme inteiro sem adormecer a meio

dele ou da emissão de televisão que estivesse a seguir. Fim de 2008, continuo de trabalhar, mas não sei por quanto tempo mais. 15 de dezembro de 2008 – Hoje a Elda e eu tomamos a decisão de passar as férias de Natal na Itália na casa de tia Licia e com a minha prima Berenice em Veneza. Infelizmente faltam 2 outras tias, a Iolanda e a Elena, das qual me recordo com prazer e muita nostalgia. E a vida continua...

2009 - A pensão

Já estamos em 2009, a altura das férias está a chegar e nós decidimos, como nos outros anos, ir passa-las para a Itália.

Logo desde a nossa chegada, notei uma mudança na atitude do meu patrão, e compreendo rapidamente que pelo facto que ele ne tinha alugado a casa ele me pensava ligado à empresa e ao seu dispor para tudo o que lhe agradasse... Mas aí ele enganou-se seriamente, porque eu não sou nenhum materialista que se deixa prender facilmente. Então aguentei um tempo e em princípio do mês de outubro comecei a dizer em volta que queria mudar de empresa.

Nem sequer se passou uma semana até que fosse contactado por outra empresa, mais séria, na qual me proferiram um emprego.

Mudamos de casa e tudo continua da melhor maneira.

3 DE OUTUBRO DE 2010

Agora com quase 66 anos trabalho nessa empresa na qualidade de encarregado de projeto de grandes cozinhas profissionais, com muito mais respeito pelos dirigentes. Até quando eu não sei mas de qualquer forma até que me sinta capaz de o fazer.

25 DE OUTUBRO DE 2010

Esta data ficara para toda a minha família, e especialmente para mim, uma data inesquecível, o falecimento súbito da minha filha Nancy, que nos deixou com 40 anos deixando orfãs as suas três filhas, Sabrina de 18 anos, Laura de 16 e Sarah de 12 anos, ficamos num estado de tristeza e dor imensa. Só conviviamos desde 2003 (por causa do meu primeiro divórcio, mal aconselhada, ela não me falava) que imensa alegria ela me deu após tantos anos sem a ver. Infelizmente, o destino foi outro.

Ela propria tinha comentado que teria remorços dos anos perdidos.



Nancy Dei Gobbi

N 28/02/1970 – M 25/10/2010

2010 – A VIDA CONTINUA

Felizmente que a vida também nos reserva surpresas boas. De facto, a primeira que tive foi que o meu filho Fabrizio, depois de muitos anos de silêncio e indiferença me contactou para que nos encontrássemos e clarificássemos a situação.

E a partir desse dia, falamos com regularidade. Para mim foi uma grande surpresa, pois eu pensava que já não havia alternativas para me tornar a aproximar do meu filho. Ele reconheceu que a morte de Nancy o fez compreender muitas coisas. Tenho que acrescentar que para realizar tudo isto tive a ajuda preciosa da Elda.

A segunda boa notícia veio no fim de 2009 e mais precisamente a 7 de dezembro, fui contactado via a rede social, por uma pessoa residente no Brasil a qual me perguntou se eu fazia parte da sua família, porque o seu nome era Angelita Dei Gobbi. Ao princípio fiquei confuso, porque eu sabia que tinha família do outro lado da terra, mas sem saber exatamente aonde, como a prudência nunca é demais. Mas quando essa rapariga me mostrou uma fotografia da família, do meu avô Giulio, já não tive mais dúvidas. Foi assim que vim a conhecer o resto da família Dei Gobbi, todos residentes no Brasil entre São Paulo e Mogi das Cruzes. Praticamente o meu avô Giulio tinha um irmão, Ettore, que emigrou para o Brasil antes da Primeira Guerra Mundial aonde fundou família.

Actualmente, a família no Brasil é composta, entre os maridos, as esposas e as crianças, de aproximadamente 63 pessoas todas descendentes dos Dei Gobbi e todos nos pedem para fazer uma viagem ao Brasil afim de nos conhecermos. Essa viagem sera feita com certeza, mas quando é que eu não sei, mas ela sera feita.



2012 – O CASAMENTO

Desde algum tempo que a Elda e eu falávamos de casamento, mas sem decidir quando e aonde, cada vez com mais frequência até ao dia que tomamos a decisão. Tratou-se de uma cerimónia simples na embaixada da Itália na cidade do Luxemburgo no dia 15 de março de 2012. A boda foi em Bertrix na Bélgica a 17 de março na companhia dos familiares da Elda e de alguns amigos em comum.



LUSSEMBURGO

15 de março 2012

À DESCOBERTA DA FAMÍLIA DEI GOBBI NO BRASIL UMA VIAGEM INESQUECÍVEL

Depois de um longo período de reflexão, nós decidimos a partir e a ir conhecer a outra parte da família Dei Gobbi ao Brasil.

Essa parte da minha família são os descendentes de Ettore Dei Gobbi, irmão do meu avô Giulio, Ettore imigrou para o Brasil seguramente nos anos 30, antes da 2ª Guerra Mundial.

Como dizia precedentemente, no ano 2009 fui contatado por Angelita Dei Gobbi (a minha sobrinha) desde o Brasil via a rede social e foi desde então que nós ficamos em contato e que encaramos a possibilidade de fazer essa viagem afim de os conhecer. Finalmente fizemos a viagem a 31 de outubro de 2012 e durante 15 dias ficamos em família, uma família maravilhosa que nos acolheu de braços abertos e que nos fez sentir como se nós nos conhecessemos desde sempre.



Angelita, Elda, Luciana, Hugo, Oto, Nicola, Priscila,
Nena, Gino Dei Gobbi

CONCLUSÕES

Esta biografia que intitulei
LEMBRANÇAS
Foi escrita sem intenção particular
Desejei-a para me lembrar da minhas escolhas
Certas ou erradas quaisquer que sejam
Sem remorços
Porque não se deve por em causa as escolhas que
fizemos
... de qualquer forma não se pode mudar nada
O que está feito está feito
Quiz simplesmente tentar de fazer um balanço do que
foi
Uma parte da minha vida
Com a esperança que quando lida
Pelos meus filhos ou por outras pessoas
Possam retirar alguns ensinamentos
Nunca baixar os braços
Olhar sempre em frente
Excluindo as coisas negativas
E conservar as positivas
E por último
Espero ter deixado no coração de todos os que me
conheceram
Uma imagem positiva

ORIGENS DE FAMÍLIA DEI GOBBI



Família nobre originária de Piacenza

É lembrado um Giovanni encarregado na Canônica de Santa Eufemia de Piacenza feito por Grégoire X em 1274 bispo de Bobbio;

Giovanni e sua esposa Barbara Cicala compram bens da obra de B.V. do Stirone em 1694, estes foram feitos nobres (mf), com privilégio ducal em 1703.

Um Giovanni Maria em 1660, um Alexandro em 1689, fazem um aluguer com a Câmara na sede do ducal Trebbia, col. Portizzare da Justiça, em Tuna e em Casaligio.

Um Giovanni Carlo, notário, recebe da Câmara ducal a procuração para a toma de posse da sucessão dos feudos de Villa, Albarola et Colonnese, Caselle, Alseno et Chiavenne Landi em 1739;

em 1742 tem que fazer entrar por procuração em posse
de seu feudo de S. Pierro en Cerro le coronel
Bartolomeo Barattieri;

Um António foi nomeado em 1707 capelão honorário
do Duque;

Um Giacomo, em 1708 recebe um privilégio de
familiaridade;

Um Erasmo era tenente em 1719;

Um Fiorenzo era capitão em 1742;

Um Giambattista era decano de Pianello de 1782 a
1789 com reputação de bom orador.

A família está inscrita no Jornal Oficial Nobilfario
Italiano com o título de Nobre
(mf) disc. De Giovanni, 1703.



Franco

Escrita terminou
01 de setembro de 2013

INDICE

Italia 1942.....	pag. 5
Escolas superiores	pag. 10
A revolta.....	pag. 13
A escola acabou	pag. 16
A chegada à Bélgica	pag. 20
O regresso.....	pag. 26
O restaurante	pag. 31
Nancy	pag. 42
A vida continua	pag. 43
O casamento	pag. 45
Viagens no Brasil	pag. 46
Conclusões.....	pag. 47
Origens de família	pag. 48

